

Brasília pára no tempo

A cidade ícone da arquitetura moderna mundial não construiu nenhuma obra de destaque na década de 80, segundo avaliação especializada da revista Projeto, à exceção do Panteão da Pátria, de Oscar Niemeyer que, para muitos, está mais próximo de uma escultura que de uma obra arquitetônica. Dois dos arquitetos de Brasília, no entanto, são citados pela revista por seus projetos nesse período, Milton Ramos, pela concepção do Aeroporto Internacional de Confins, em Belo Horizonte, e João Filgueiras Lima, o Lelé, pela sede transitória da Prefeitura de Salvador.

“A arquitetura de Brasília parou no tempo”, constata Elvin Nackay Dugubras, professor da UnB e um de seus fundadores. Para quem aqui chegou sonhando com o paraíso da criação arquitetônica ficou paralizado pelos regulamentos e gabaritos pré-estabelecidos, pela ditadura das formas retas e quadradas, pela padronização das obras. Aos arquitetos que permanecem na cidade resta tentar vôos fora do Distrito Federal ou mesmo no exterior.

Ligado a Brasília desde 1958 quando projetou o prédio do BNDE, no Setor Comercial Sul, Elvin Dugubras vislumbra uma cidade sem vida, desde agora uma cidade “estéril”, pelas limitações à criatividade. Se as regulamentações surgiram para evitar a especulação imobiliária, elas não cumpriam seus objetivos e podem ser alteradas em função deste tipo de interesse. Patrimônio cultural da humanidade por causa de sua arquitetura, Brasília oferece frustrações aos arquitetos.

Construções como o Citicorp Center e o Terra Brasilis, em São Paulo, que se destacam pelo vanguardismo, não poderiam surgir em Brasília, graças à imposição dos gabaritos. Apenas as residências e pequenos prédios permitem criação livre desde que, evidentemente, em locais permitidos.